Benedita Kendall

Narrativas sobrepostas

A minha pintura vive da sobreposição de imagens. Trabalho misturando linguagens, que se compõem por *layers,* imagens descontextualizadas provenientes de diferentes âmbitos: da decoração, à banda desenhada, da ilustração, ao desenho técnico, da fotografia, à iluminura. Recorro à apropriação, como estratégia de configurar memórias. Conjugo estes registos em camadas que se sobrepõem, situadas em enquadramentos geométricos, sobre fundos decorativos, planos que se sucedem em oposição. A literalidade de cada imagem é utilizada como na cultura pop, como numa colagem, abrindo-se ao contraponto.

As imagens que produzo procuram propor a reflexão sobre a atualidade e a história, a condição humana, a condição de género, a influência dos *media*, da publicidade, do discurso político e da educação no pensamento contemporâneo. Um tema que se repete no meu trabalho é a construção da identidade e a sua relação com a infância. Tento recriar narrativas contemporâneas compactadas no imaginário colectivo da sociedade globalizada.

Na atualidade, vivemos uma vida preenchida por pseudonecessidades, idealizamos uma fachada artificial de nós próprios, ostentamos uma imagem construída, criamos perfis virtuais onde nos projetamos em representações fictícias de felicidade, de luxo, de excesso, de conforto, de perfeição. Mas o vazio dos nossos perfis, o minimalismo das nossas relações, a ausência de entrega, o individualismo das nossas opções, demonstram uma ausência chocante e dececionante. A perseguição de ideais de felicidade, de falsos objectivos, a falta de entrega, de paixão, de dedicação, estão a transformar o individuo num ser arrogante e insatisfeito, despótico e ignorante sobre o outro. O individualismo conduziu-nos ao vazio; o excesso de informação, à indiferença; o conforto, ao esgotamento mental.

Assim, a idade Neobarroca é parceira da era do vazio: a ostentação exuberante, conduz à ausência de valores, de ideais, de utopia, de fé, de paixão. O desperdício e a acumulação preenchem a nossa cultura.

Neste contexto a minha arte, tenta representar esta conjuntura, num esforço para me aproximar da realidade que nos envolve, fixa o excesso, aponta para o revivalismo do barroco, mas também sugere o minimalismo relacional e social, explorando as nuances da era do vazio. Represento acumulações e sobreposições: trabalho por camadas, utilizo o conceito de sampler, de repetição filtrada e manipulada. As imagens que produzo compõem-se numa amálgama, traduzindo o excesso visual a que somos expostos constantemente. Padrões e superfícies preenchidas, registadas nos fundos, traduzem o horror do vazio, transposto do barroco. Flores, paisagens bucólicas, desenho técnico, elementos decorativos intricados e elaborados situam o observador perante o cenário dinâmico e excessivo, pormenorizado e exuberante que fixa os conceitos de excesso que a sociedade contemporânea apresenta. Esta é a minha poética.

Arrisco em todo o processo: não obedeço aos esboços iniciais que criei, não recrio as imagens conforme as planifiquei. As pinturas vão acontecendo, derivando das imagens que lhe deram origem com muitos percalços e alterações. Trabalho sempre a partir do desenho. Não me inspiro em fotografias, mas nos instantâneos da minha memória, construídos por mim. Aqui não há filtro.

Trabalho com a matéria dolorosa. Não sei de onde provêm as imagens que construo. Vou procura-las ao mais fundo de mim, ao fundo da memória coletiva. As imagens não são minhas. Elas surgem-me e por isso são facilmente reconhecíveis. São não-lugares, são lugares de perigo, são figuras ameaçadoras e personagens desprotegidas. Trabalho a partir dos monstros da infância, da insegurança, do medo, da ausência, da matéria mais sensível dos sonhos e expectativas humanas. A condição humana e a transitoriedade da vida povoam as minhas imagens.

A minha pintura está cheia de narratividade. São histórias que se cruzam e sobrepõem. Aqui confrontam-se mundos: as histórias não se harmonizam, mas entram em choque. As narrativas sobrepostas valorizam-se mutuamente, complementando-se na sua diversidade. Surgem referências quotidianas ao lado de imagens que atravessam a história, porque a história dos homens é sempre construída pelos mesmos medos e aspirações.

Represento pormenorizadamente formas através da linha. São conceitos: não têm volume nem solidez. As figuras são vazadas, definidas apenas pelo contorno. Por vezes os fundos são rasgados, sulcados como se tratasse de uma pele, a pele da memória, das vivências. Noutras, estendo planos uniformes de cor para dar destaque a alguns pormenores. O menos é mais e o pormenor do detalhe é levado às ultimas consequências. Na minha pintura convivem as imagens lisas e limpas, com a sujidade dos materiais vividos, experienciados, sulcados pelo desgaste e pelo tempo.